

# O TRATAMENTO DA DECLINAÇÃO NOMINAL EM QUÉCHUA. ESTUDO HISTORIOGRÁFICO A PARTIR DA METALINGUAGEM (SÉCULOS XVI-XVII)

Roberta RAGI<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo central deste trabalho é estabelecer uma análise comparativa do tratamento da declinação casual nos nomes substantivos em quéchua, e do estatuto das preposições (posposições), como consequência dessa declinação nominal, nas gramáticas produzidas sobre a língua geral andina nos séculos XVI e XVII. Os gramáticos fixados para esse contexto são: Domingo de Santo Tomás, 1560; Anônimo, 1586; Diego González Holguín, 1607; Alonso de Huerta, 1616; Diego de Torres Rubio, 1619; Juan Roxo Mexia y Ocón, 1648; Juan de Aguilar, 1690; Estebán Sancho de Melgar, 1691. Os parâmetros que organizam as análises aqui efetivadas buscam examinar a metalinguagem específica dos autores, relativamente à problemática linguística proposta, levando em conta a sistematização terminológica própria de cada texto gramatical em particular. Para tanto, serão tomadas como diretrizes gerais as metodologias associadas ao campo da Historiografia Linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Historiografia Linguística. História da Gramática. Metalinguagem. Quéchua. Declinação Nominal.

## Introdução

A tradição gramatical quéchua teve início com o trabalho de Santo Tomás (1499-1570), *Grammatica o arte de la lengua general de los incas de los reynos del Peru*, publicado em Valladolid, no ano de 1560. Trata-se

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pelo Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP); São Paulo, Brasil. E-mail para contato: robertaragi@gmail.com

da única gramática dominicana feita sobre o quéchuá, no período colonial. Nesse primeiro momento da pós-conquista peruana, empreendida objetivamente entre os anos de 1531 e 1533, dominicanos como Jerónimo de Loaysa, O.P. (1543-1575), arcebispo e coordenador dos dois primeiros concílios provinciais de Lima, e Bartolomé de Las Casas, O.P. (1484-1566), cronista e teólogo de quem Santo Tomás foi amigo e colaborador direto, representaram um papel de liderança nas atividades missionárias impostas à região andina. Foram os dominicanos, portanto, atores importantes na constituição do “clima de opinião” (cf. KOERNER, 1996, p. 114) que organizou as bases do primeiro projeto de colonização para o Peru e as diretrizes das tarefas catequéticas que o determinavam.

Nesse contexto, emergiu a gramática de Santo Tomás (1560), tomando, abertamente, como modelo descritivo, a teoria das partes do discurso. A referência explícita à produção linguística de Antonio de Nebrija (1441-1522), à página 15 do segundo Prólogo da gramática dominicana (SANTO TOMÁS, [1560]1995), oferece boa evidência da filiação da Arte de 1560 ao modelo teórico greco-latino. A citação a seguir configura, igualmente, uma segunda evidência desse mesmo processo: “Y porque, como se ha tocado, este arte se haze para ecclesiásticos que tienen noticia de la lengua latina va conforme a la arte della” (SANTO TOMÁS, [1560] 1995, p. 15).

A segunda gramática quéchuá, de autoria anônima, foi editada por Antonio Ricardo (s.d.), em Lima, no ano de 1586, *Arte y vocabulario en la lengua general del Peru llamada quichua, y en la lengua española*. Contrariamente ao primeiro período da pós-conquista, liderado pelos dominicanos, foram os jesuítas, nesse segundo momento, os responsáveis pela coordenação intelectual do Terceiro Concílio Limenho (1582-1583), na pessoa de José de Acosta, S.J. (1539-1600), e pela adaptação do projeto de colonização peruano às rígidas sanções do Concílio Tridentino (1545-1563).<sup>2</sup> A Arte quéchuá de 1586, em boa medida, foi capaz de registrar essas alterações da política colonial peruana que geraram mudanças consideráveis na política linguística efetivada para o período.<sup>3</sup>

---

2 Como ampliação dessa problemática: Agnolin, 2007a; Agnolin, 2007b; Barnadas, 1998; Lagorio, 2003; Mello e Souza, 1992.

3 Mais sobre o assunto em: Ragi, 2009. *Dominicanos e jesuítas na emergência da tradição gramatical quéchuá – século XVI*; estudo historiográfico do tipo ‘correlativo’, nos termos de Swiggers (2009, p. 71), sobre as relações entre a Política Linguística peruana e os trabalhos gramaticais publicados sobre o Quéchuá em 1560 e 1586.

As seis gramáticas produzidas sobre o quéchua, no século subsequente (século XVII), foram escritas sob a vigência dos decretos do Terceiro Concílio e publicadas todas em Lima, sem exceção: a terceira delas, *Gramatica y arte nueva de la lengua general de todo el Peru, llamada lengua Quichua, o lengua del Inca*, foi escrita pelo jesuíta Diego González Holguín (1560-1620) e publicada no ano de 1607; a quarta, *Arte de la lengua Quechua general de los Yndios de este Reyno del Peru*, foi escrita por Alonso de Huerta (s.d.), catedrático da língua quéchua na Universidade de Lima, e publicada em 1616; a quinta, *Arte de la lengua quichua*, foi escrita por outro jesuíta, Diego de Torres Rubio (1547-1638), e publicada em 1619 (com reedições em 1700 e 1754); a sexta, *Arte de la lengua general de los indios del Peru*, escrita pelo cusquenho Juan Roxo Mexia y Ocón (1602-1648), foi publicada no ano de 1648; a sétima, *Arte de la lengua Quichua general de Indios del Peru*, escrita pelo licenciado Juan de Aguilar (s.d.), em 1690; e, finalmente, a oitava, *Arte de la lengua general del Inga llamada Qquechhua*, foi composta por Estebán Sancho de Melgar (s.d.), catedrático da língua quéchua na Igreja Metropolitana de Lima, e publicada em 1691.<sup>4</sup>

Todos esses trabalhos linguísticos orientaram-se, como aqui já se mencionou, pelo modelo latino das oito partes do discurso: nomes, pronomes, verbos, participípios, advérbios, preposições, conjunções e interjeições. Nesse modelo, tal como observa Auroux (1992), a palavra é a unidade de análise privilegiada e só pode ser delimitada pela oposição entre derivação e flexão. De outro modo: a flexão, no interior do paradigma organizado pela palavra, é a flexão de uma mesma palavra; o sistema derivacional, por oposição, é responsável pela formação de palavras novas. As propriedades flexionais específicas de uma dada palavra definem-na enquanto tal:

[...] há uma correlação muito forte na tradição ocidental entre o papel das classes de palavras e a oposição flexão/derivação: Singh & Ford notam que um morfema é uma flexão (e não um afixo derivacional) se ele é membro de um paradigma de formas que serve para caracterizar uma parte do discurso. Uma parte do discurso corresponde, quanto a ela, a possibilidades flexionais próprias. (AUROUX, 1992, p. 103)

4 As edições das gramáticas utilizadas neste trabalho estão indicadas claramente nas Referências Bibliográficas. As citações aos textos gramaticais originais também explicitam a edição em uso. Registre-se que, salvo a gramática dominicana, foram utilizadas, invariavelmente, as primeiras edições dos textos originais.

Esse fato justifica que, na gramática antiga, o particípio seja concebido como uma parte do discurso distinta do nome e do verbo (cf. AUROUX, 1992, p. 103), por apresentar propriedades flexionais próprias. Esse mesmo fato, da perspectiva dos autores fixados para este trabalho, explica, igualmente, que substantivos e adjetivos pertençam a uma mesma classe de palavras, a classe dos nomes, uma vez que nomes substantivos e nomes adjetivos, segundo o referencial latino, revelam propriedades flexionais semelhantes.

Todavia, o modelo teórico das partes do discurso conjuga, como todo modelo teórico, ou científico (cf. LAKATOS, 1999), certo grau de variabilidade metodológica. Não é diferente no nosso caso: os gramáticos do quéchuwa, entre os séculos XVI e XVII, ora penderão para uma metodologia mais afeita às *Introducciones Latinas* (1488), de Nebrija, ora para uma descrição mais aproximada das diretrizes impostas pela *Gramática de la lengua castellana* (NEBRIJA, [1492] 1992).

De toda maneira, essas variações metodológicas implicam estratégias distintas no que diz respeito ao tratamento da declinação de caso nominal em quéchuwa e, conseqüentemente, na definição do papel das preposições, ou posposições, nesse contexto, como se verá a seguir. Antes de considerar essas flutuações metodológicas como indício de análises imperfeitas, ou mesmo desqualificadas, busca-se, neste trabalho, compreender-lhes em suas funcionalidades epistemológicas específicas (cf. AUROUX, 1992, p. 108).

Quais são, afinal, os parâmetros de análise que circunscrevem o tratamento da declinação de caso nominal em quéchuwa, no período aqui fixado? Os nomes substantivos declinam ou não declinam? De que maneira, no repertório terminográfico de cada autor (cf. SWIGGERS, 2010), definem-se as funções das preposições ou posposições quéchuwas, mediante a declinação do nome substantivo? Esses são os questionamentos essenciais que mobilizam este trabalho.

## **Desenvolvimento**

Quando se analisa o tratamento dado à categoria de caso nominal, relativamente aos nomes substantivos, nas gramáticas produzidas sobre o quéchuwa, entre os séculos XVI e XVII, chama atenção a recorrência da metodologia empregada, mas, também, as peculiaridades dos recursos descritivos que o exame dos diversos gramáticos do período nos impõe.

Observe-se, inicialmente, que, para descrever o nome substantivo quéchuwa como um nome não declinável (fato que a maioria dos autores assume,

ao menos no período aqui definido), houve o necessário reposicionamento de outra parte do discurso, a preposição, que, nesse contexto, passa a ser nomeada como posposição (voltaremos a esse ponto mais à frente). Essa opção descritiva foi também verificada na tradição gramatical tupi (cf. ALTMAN, 2007; ALTMAN, 2009). Todavia, como se sabe, a primeira gramática feita sobre o quéchua (SANTO TOMÁS, 1560) antecede a gramática inaugural elaborada sobre o Tupi (ANCHIETA, [1595]1990) em, pelo menos, três décadas.

Certamente, o modelo teórico das partes do discurso, em sua conformação latina ou vernacular, apresentou desafios consideráveis, aos gramáticos das línguas ameríndias, dadas as distintas tipologias linguísticas em questão. A natureza aglutinante do quéchua, destacada por linguistas contemporâneos (cf. CALVO PÉREZ, 1993, p. 34; CERRÓN-PALOMINO, 2003, p. 261), diferentemente do Espanhol e do Latim, sobrepõe a morfologia derivativa à flexional, estabelecendo, desse modo, para os primeiros gramáticos da língua andina, desafios descritivos importantes.

Cerrón-Palomino (2003) descreve a estrutura do vocábulo quéchua da seguinte maneira: à raiz, agregam-se os morfemas derivativos, a estes, os morfemas flexionais e, por fim, encerrando o vocábulo, são dispostos os morfemas independentes (incluem-se, nesse último grupo, os conhecidos validadores em quéchua). O esquema a seguir ilustra essa formação:

Estrutura do vocábulo quéchua  
(cf. CERRÓN-PALOMINO 2003, p. 267)

Raiz	Sufixos derivativos	Sufixos flexionais	Sufixos independentes
------	---------------------	--------------------	-----------------------

A categoria de caso nominal, por sua vez, é tratada, pelo quechuísta, como um dos traços flexionais do vocábulo e apresentada da seguinte maneira:

Ordenamento dos sufixos flexionais no vocábulo nominal quéchua  
(cf. CERRÓN-PALOMINO 2003, p. 271)

Sufixos de pessoa	Sufixos de número	Sufixos de caso
-------------------	-------------------	-----------------

Vejam, na sequência, as estratégias descritivas propostas por Santo Tomás à categoria de caso nominal, em seu quadro teórico e epistemológico próprio.

## **Santo Tomás [1560]1995**

Para o primeiro dos gramáticos do quéchua, no século XVI, o nome substantivo, na língua geral andina, não apresenta caso com declinação. Ocupado em descrever as propriedades do nome, no segundo capítulo de sua gramática, Santo Tomás afirma o seguinte:

Acerca de la primera parte de la oración (que es nombre) es de notar que en esta lengua general de los indios, como en las demás lenguas, el nombre tiene su diversa manera de significar, de tal manera que unos son substantivos y otros adjetivos [...] Assí mismo tiene sus propiedades que le convienen (calidad, especie, género, número, figura, declinación) [...] Cerca de la sexta y última propiedad (de los nombres), que es declinación, es de notar que no ay en esta lengua declinación ninguna sino que todos los nombres son indeclinables en sí, como en nuestra lengua española, en la qual ningún nombre se declina [...] Assí, acá en esta lengua general de los indios todos los nombres en sí son invariables, y no ay en ellos variación alguna, sino que por ciertas partículas o artículos que se añaden a los casos se conoscién si es nominativo o genitivo. Y aunque esto sea assí verdad, que el nombre en sí sea indeclinable, pero porque los artículos que se le añaden parece que se hazen un mismo término con él, y éstos entre sí son diversos como abaxo se verá, me parece se puede y debe dezir que todos los nombres y demás partes de la oración declinables tengan una declinación, no por parte dellos, sino por razón de la diversidad de los artículos. (SANTO TOMÁS, [1560]1995, p. 21-25)

Acompanhando de perto o quadro universalista de Nebrija ([1488] 1996), Santo Tomás, ao enumerar os acidentes do nome, aqui identificados como propriedades do nome (“calidad, especie, género, número, figura, declinación”), informa-nos que o nome quéchua não apresenta declinação, isto é, caso com declinação. Entretanto, ainda assim, admite que tais nomes sofram declinação, não por serem, em si, declináveis, mas por se ligarem a “artículos” ou “partículas” diversas. Aparentemente, na exposição do autor, esses “artículos” ou “partículas”, responsáveis pela declinação nominal, associam-se aos nomes e fazem, com ele, “un mismo término”.

Segue-se, então, na descrição do gramático, o paradigma da declinação dos nomes substantivos, nos quais as “partículas”, responsáveis pelo caso nominal, compõem um único termo com o nome tomado como exemplo, à exceção do vocativo, determinado pelas interjeições “xé” ou “xay”, e do nominativo, caso não marcado em quéchua (cf. SANTO TOMÁS, [1560]1995, p. 27):

Nominativo → yayánc → el señor  
 Genitivo → yayáncpa → del señor  
 Dativo → yayáncpac → para el señor  
 Accusativo → yayáncta / yayáncman → al señor  
 Vocativo → xé, o xay yayánc → ¡o, señor!  
 Ablativo → yayáncpi / yayáncmanta → en el señor / del señor  
 Effectivo → yayáncguan / con el señor

A partícula “ta”, de acusativo, liga-se a verbos que expressam quietude, como em “yo veo al señor” – “yayáncta ricúni”. Por outro lado, a partícula “man”, de acusativo, é empregada com verbos de movimento, como em “voy al señor” – “yayáncman ríni”. Do mesmo modo, o “artículo pi”, de ablativo, denota quietude, como em “en el señor se hizo” – “yayáncpi rurásca”; e o “artículo manta”, de ablativo, caracteriza movimento, como em “vino del señor” – “yayáncmanta xamúrca” (cf. SANTO TOMÁS [1560]1995, p. 26-27). Essa oposição estrutural, envolvendo os conceitos de quietude e movimento, será mantida em vários outros gramáticos coloniais, como se poderá constatar a seguir.

Ao examinar as preposições (quinta parte da oração), no décimo primeiro capítulo de sua gramática, Santo Tomás enuncia:

[...] en esta lengua estas preposiciones se hallan solamente en la primera manera conviene a saber: rigiendo y determinando casos en los nombres, pronombres y participios, pero nunca se hallan juntas con verbos ni con las otras partes de la oración por composición. Las quales [las preposiciones] son todas las partículas dichas en la declinación del nombre; porque todas ellas de tal manera son artículos de aquellos casos, que son juntamente preposiciones dellos [...] Y aunque lo son en la significación / [fol. 51] y officio, pero en el sitio son postposiciones que siempre se postponen a los tales casos. ([1560]1995, p. 106)

O excerto demonstra, claramente, a estratégia descritiva e metalinguística do autor: especificar o papel da preposição, na língua quéchua, como termo definidor de caso. As preposições, por composição com nomes, pronomes e participios, formariam, salvo em nominativo e vocativo, palavras complexas<sup>5</sup> em quéchua. Pois bem, como essas preposições, na perspectiva do dominicano,

5 *Palavras complexas*, na sistematização terminológica de Santo Tomás, em oposição a *palavras simples*, são aquelas formadas por dois ou mais termos; de maneira análoga, na gramática normativa atual, esse termo (*palavra complexa*) equivaleria, guardados os contextos epistemológicos em questão, à *palavra composta*, isto é, formada por dois ou mais radicais, por oposição à *palavra simples*, formada por um único radical.

eram sempre empregadas na porção final da palavra (conforme assinala também Cerrón-Palomino, tal como apresentado anteriormente), elas deveriam chamar-se posposições, já que, via de regra, encerravam o “término” quéchua.<sup>6</sup> eis, aqui, um exemplo evidente de calibragem terminológica (cf. SWIGGERS, 2010), no qual o termo clássico preposição investe-se de outro significante para designar as alterações morfossintáticas em questão.

Note-se, ainda, que os termos “posposiciones”, “artículos” e “partículas”, como indicam os fragmentos supracitados, são tomados uns pelos outros, ainda que a especialização da posposição, como termo marcador de caso, quando associada a nomes, pronomes e participios, esteja bem definida. É o que atesta, uma vez mais, o trecho a seguir, em que a expressão preposição casual permuta com artigo casual:

Sácanse desta regla todas las dictiones de dos síllabas quando se les añade alguna partícula, por ornato o por otra qualquier vía; o la preposición o artículo cassual (sic); que entonces, aunque tenga tres síllabas o más, guardan el mismo accentto que quando eran de dos síllabas [...] (SANTO TOMÁS, [1560]1995, p. 160)

Dessa maneira, apesar de seguir de perto as Introducciones latinas de Nebrija ([1488]1996), quanto à estrutura universalista, de um modo geral, e ao estabelecimento das oito partes do discurso, em particular, Santo Tomás parece muito mais inclinado à metodologia da *Gramática de la lengua castellana* (NEBRIJA, [1492] 1992), no que diz respeito à descrição do caso nominal em quéchua. Tal como no espanhol, os nomes substantivos, na língua geral andina, não declinam: são as preposições, melhor chamadas de posposições, as verdadeiras responsáveis por garantir a categoria de caso em quéchua.

## Anônimo 1586

A segunda gramática quéchua, escrita no final do século XVI, seguindo a lógica pragmática e fundamentalmente normativa do Terceiro Concílio Limenho, organiza-se em apenas 80 páginas, quase 100 páginas a menos que sua

---

6 As *partículas de adorno*, entretanto, quando empregadas, colocavam-se depois das posposições, na estrutura sintagmática do vocábulo. Foram descritas como *partículas de adorno*, por exemplo, os validadores típicos do quéchua (morfemas independentes, na metalinguagem utilizada por Cerrón-Palomino), como o “mi” e o “si”, indicando, respectivamente, “informação testemunhada pessoalmente pelo enunciador” e “informação que o enunciador enuncia de segunda mão”.

antecessora. Nesse novo formato, econômico e objetivo, mantêm-se, sem grandes alterações, as estratégias descritivas em relação ao caso nominal dos nomes substantivos. Também no Anônimo, os nomes são indeclináveis, enquanto as posições são as marcadoras de caso, sem declinação:

La declinacion es una sola para todos los nombres pronombres participios, y finalmente para todas las dictiones que se pueden declinar como nombres [...] todas ellas se reduzen a una, no se haze por variacion de casos como en la Latina, sino por addicion de ciertas particulas sobre el Nominativo, las quales siempre se posponen al nombre en la variacion, y oracion. (ANÔNIMO, 1586, p. 2r)

O paradigma dos casos do nome substantivo, mediante as posições, é assim apresentado (cf. ANÔNIMO, 1586, p. 3r):

Nominativo → runa → el hombre

Genitivo → runap → del hombre

Dativo → runapac → para el hombre

Acusativo → runacta / runaman → al hombre

Vocativo → runa → o hombre

Ablativo → runapi / runamanta / runahuan → en el hombre / del hombre / con el hombre (effectivo)

À exceção do caso effectivo, incorporado ao caso ablativo, a descrição da categoria de caso nominal, no Anônimo, é bastante semelhante à descrição proposta por Santo Tomás. Em linhas gerais, restam mantidas as estratégias metodológicas formalizadas na gramática dominicana, para esse tema.

## González Holguín 1607

González Holguín é frequentemente apontado por historiógrafos e quechuístas (cf. CALVO PÉREZ, 1994, p. 77) como um autor diferenciado. Sua gramática é a única, sem dúvida, a propor um tratamento realmente alternativo a Santo Tomás no que diz respeito à categoria de caso dos nomes substantivos, no século XVII. Na primeira página da Arte de 1607, o autor discute a declinação dos nomes:

DISCIPULO. Que cosa es declinar nombres? MAESTRO. Es mostrar de quantas maneras puede un nombre acabarse, y quantas terminaciones tiene, que se llaman

casos, los cuales son seys, cada uno conocido por su propria terminacion, que son estas particulas, que no significan nada, sino señalar cada una su caso. (GONZÁLEZ HOLGUÍN, 1607, p. 1r)

Em seguida, apresenta seu paradigma para o nome substantivo, mediante a declinação por partículas e por preposições (cf. GONZÁLEZ HOLGUÍN, 1607, pp. 1v-2r):

Nominativo → ccari → el varon  
Genitivo → ccarip → del varon  
Dativo → ccaripac → para el varon  
Acusativo → ccaricta → al varon  
Vocativo → A, ccari ya → o hombre  
Ablativo → ccari huan → con el varon

O curioso, no caso do jesuíta, é que apenas as terminações de genitivo, dativo e acusativo são consideradas, verdadeiramente, marcas de declinação nominal, dadas por partículas flexionais (cf. GONZÁLEZ HOLGUÍN, 1607, p. 1v). Para o autor, o que identifica o caso ablativo são as preposições simples e não uma autêntica declinação nominal, como acontece com o genitivo, o dativo e o acusativo:

[...] lo primero que se ofrece disputar de las preposiciones, es, de que caso sean, o que caso rijan, y se emos de seguir la regla que dan los gramaticos en todas las artes para que una preposicion sea de algun caso, o le rija, ha se de poner el caso con su particula propria (p) o (pac) o (cta) y luego la preposicion, como para ser (ad) en Latin preposicion de acusativo, dezimos (ad Deum) y no (ad Deus), y assi para ser de acusativo la preposicion (man) hauia de ponerse sobre a particula de acusativo (cta) como, yglesiactaman, a la yglesia. Mas no es assi, ni tal se puede dezir, sino (yglesiaman) e por esso (man) no es preposicion de acusativo, porque yglesia, no es acusativo, que lo avia de ser para que lo llamase de acusativo, y dezir que es otro acusativo de movimiento, no ay tal acusativo para movimiento en ninguna lengua, ni dos acusativos [...] assi como en Latin (ad) es de acusativo, no porque diga movimiento, sino porque cae sobre la particula de acusativo (Deum) y no (Deo) ni (Deus) assi aca (man) es de ablativo porque cae sobre el caso que no tiene particula, que es el ablativo, ni ay otra preposicion ninguna que sea de acusativo ni de dativo, porque no se puede poner con ninguna preposicion el (pac) de dativo, ni el (cta) de acusativo; mas guardando esta regla yo hallo que las preposiciones se dividen en dos casos no mas; unas que son de genitivo, y otras de ablativo, porque ay muchas, como se vee abaxo, que piden genitivo con su particula [...] sobre el genitivo se pone la preposicion. (GONZÁLEZ HOLGUIN, 1607, p. 133v)

O fragmento evidencia que, para González Holguín, o nome quéchua declina, efetivamente, e preposições e partículas são conceitos muito distintos, na terminografia própria do autor (cf. SWIGGERS, 2010): a partícula marca a declinação (flexão) nominal, o caso com declinação, típico do nome substantivo, tal como descreve Nebrija para o latim (cf. NEBRIJA, [1488] 1996, p. 101) e, excetuando-se o caso nominativo e o caso vocativo, registram-se, em quéchua, segundo Holguín, três casos concretos de declinação nominal – genitivo, dativo e acusativo; por outro lado, a preposição simples marca o caso ablativo, caso este para o qual os nomes substantivos não apresentam partícula de declinação (flexão) específica. Desse modo, o caso ablativo, em quéchua, em relação aos nomes substantivos, é dado como um caso sem declinação, o mesmo tipo de caso que Nebrija descreve para as preposições (cf. NEBRIJA, [1488] 1996, p. 118).

O excerto demonstra, ainda, que a oposição dada pelas ideias de quietude e movimento, para justificar a identificação de duas posposições de acusativo, nas gramáticas anteriores (SANTO TOMÁS, [1560]1995; ANÔNIMO, 1586), é igualmente negada por Holguín, que considera “man” como preposição simples de ablativo.

Observe-se, portanto, nesse contexto, a maior proximidade do autor em relação aos referenciais teórico-metodológicos das *Introducciones Latinas* (1488), de Nebrija. Em oposição às estratégias originais dominicanas, que indiferenciam partículas e preposições (posposições) e assumem a não declinação do nome quéchua, González Holguín afirma a existência do *caso com declinação*, para os nomes substantivos declinados em genitivo, acusativo e dativo, e do *caso sem declinação*, para o ablativo e o genitivo, mediante, respectivamente, as preposições simples e as preposições compostas.<sup>7</sup>

Além da evidente filiação do autor ao modelo latino de referência, a partir das *Introducciones Latinas*, de Nebrija (1488), poder-se-iam destacar, ainda, outras motivações descritivas relacionadas a esses deslizamentos metodológicos e metalinguísticos na gramática de 1607: muito provavelmente, o fenômeno da declinação nominal genitivada, contemporaneamente nomeado como sobredeclinação (cf. CALVO PÉREZ, 1993, p. 335), descrito pela primeira

7 As preposições de genitivo, ditas compostas, associam-se, no mais das vezes, a pronomes possessivos, segundo Holguín. Em contrapartida, as preposições de ablativo, na sistematização do autor, ligam-se diretamente aos nomes, sem composição com outras partículas ou partes da oração, e por isso são chamadas simples.

vez, nesta tradição, justamente por González Holguín, tenha contribuído para efetivar tais alterações. A declinação genitivada é aquela em que um genitivo é tomado como nominativo e declinado uma segunda vez:

Para hazer essa significacion, lo que es de alguno, o lo que es suyo, de aquel nombre que posee, toman el genitivo e declinadlo otra vez, y esto no de una, sino de muchas maneras galanas [...] (GONZÁLEZ HOLGUÍN, 1607, p. 6v)

O paradigma da declinação genitivada apresentado pelo autor ajuda a compreender o fenômeno linguístico em questão (cf. GONZÁLEZ HOLGUÍN, 1607, p. 6v):

Nominativo → runap → lo que es del hombre  
Genitivo → runappa → de lo que es del hombre  
Dativo → runappac → para lo que es del hombre  
Acusativo → runapta → a lo que es del hombre  
Ablativo → runaphuan → con el que es del hombre

Com efeito, a declinação nominal genitivada justifica, da perspectiva interna, a motivação de Holguín em considerar dois tipos de caso genitivo em quéchua: o caso genitivo com declinação, dado pela partícula “p” (terminação do nome); e o caso genitivo sem declinação, dado pelas preposições compostas de genitivo, como “ccayllan” (que significa ‘junto a’). O caso genitivo dado por declinação (com “p”) é, justamente, aquele que se presta, nesse contexto, a estabelecer a declinação genitivada, por oposição ao caso genitivo preposicionado, no qual um nome já declinado no genitivo liga-se a uma preposição composta de genitivo, como em “iglesiap ccaylan” (‘próximo à igreja’) (cf. GONZÁLEZ HOLGUÍN, 1607, p. 134r).

Do mesmo modo, em relação às preposições simples de ablativo, o autor mantém, como vimos, para os nomes substantivos, o caso sem declinação. Essa escolha descritiva justifica-se, na sistematização própria de Holguín, pelo fato de serem muitas as preposições (posposições) de ablativo, em quéchua, tal como se observa pelos paradigmas de caso nominal transcritos anteriormente (“pi”, “huan”, “manta”). Perseguindo uma descrição econômica para o caso nominal, o autor assume, então, que o caso ablativo seja sempre estruturado por preposições simples.

As estratégias metalinguísticas de Holguín revelam, sem dúvida, no que diz respeito à declinação do nome quéchua, enorme esforço metodológico adicional para manter a coerência descritiva segundo as diretrizes teóricas do modelo latino de referência. Todavia, se, de um lado, o autor mantém-se cioso quanto às adaptações do modelo latino ao repertório gramatical quéchua, de outro, é inegável seu empenho descritivo em formalizar novo tratamento metodológico para a declinação nominal na língua andina.

## Huerta [1616]1993

A gramática de 1616, do clérigo Alonso de Huerta, catedrático da Universidade de Lima, retoma os traços fundamentais da descrição de Santo Tomás e do Anônimo: os nomes substantivos não declinam e a marca de caso é assegurada, aos nomes, pelas posições:

La declinación en esta lengua es una para todo nombre, pronombre o participio declinable. Hácese no por variación de casos, como en la lengua latina, sino por adición de letras o partículas [...] (HUERTA, [1616]1993, p. 21)

O paradigma dos nomes substantivos mediante a marcação de casos dada pelas posições é o seguinte (cf. HUERTA, [1616]1993, p. 23):

Nominativo → *yaya* → el padre

Genitivo → *yayap* → del padre

Dativo → *yayapac* → para el padre

Acusativo → *yayata* / *yayaman* → al padre

Vocativo → *a yaya* / *yayaya* → oh el padre! hola padre

Ablativo → *yayapi* → en el padre

Ablativo → *yayamanta* → del padre o según el padre

Ablativo → *yayahuan* → con el padre

Ablativo → *yayaraycu* → por amor del padre

Ablativo → *yayachau* → en el padre (na região de Chinchaysuyo)

Com pequenas alterações relacionadas, principalmente ao vocativo e ao ablativo, com a introdução, neste último, de uma posição típica da região de Chinchaysuyo, “chau”, em substituição ao “pi”, mantêm-se, intactas, as formas descritas anteriormente.

Em relação às posposições, Huerta parece, mais uma vez, repetir a fórmula dominicana, afirmando, ainda, que as posposições (preposições) entram em composição com verbos, e não apenas com nomes, pronomes e participios, o que acentua a complexidade do comportamento dessa parte do discurso, que não se limita, está claro, pela determinação casual:

La proposición (sic) es cierta partícula indeclinable que se puede llamar mejor en esta lengua posposición o interposición que proposición (sic), por posponerse e interponerse y no anteponerse. La cual partícula llegada al nombre o verbo le declara y varía su significación. Son unas proposiciones (sic) de todos los casos, que son con las que se hace la declinación; [...] Las otras [preposiciones] son de composiciones de verbos con que se forman los derivativos. (HUERTA, [1616]1993, pp. 77-78)

## **Torres Rubio 1619**

Em Torres Rubio, verifica-se, igualmente, a manutenção da estratégia dominicana no tratamento da declinação nominal. Os nomes são indeclináveis e as partículas ou “notas” que se pospõem a eles lhes garantem a variação de caso. Os nomes têm, portanto, caso sem declinação:

En esta lengua no ay mas que una declinacion, por la qual se declinan todos los nombres y las demas partes declinables. En ella los casos no se conocen por la terminacion como en la latina, sino por ciertas particulas, o notas que se posponen a cada caso. (TORRES RUBIO, 1619, p. 1r)

Seu paradigma de variação nominal é bastante semelhante ao do Anônimo, repetindo, inclusive, o exemplo selecionado, com o nome “runa” (‘homem’) (cf. TORRES RUBIO, 1619, p. 1v):

Nominativo → runa → el hombre

Genitivo → runap → del hombre

Dativo → runapac → para el hombre

Acusativo → runacta / runaman → al hombre

Vocativo → runay → o hombre

Ablativo → runapi / runamanta → en el hombre / del hombre

Effectivo → runahuan → con el hombre

Pouco interessado em detalhar o comportamento sintático ou morfológico das preposições, em seu econômico formato gramatical, o autor diz, apenas, como vários de seus antecessores, que as preposições, em quéchua, se pospõem aos nomes, invariavelmente:

Lo que ay que notar en la preposicion es que siempre se pospone [...] se varian con las particulas de acusativo e ablativo [...] otras que se varian con estas de acusativo e ablativo, y juntamente con las particulas de possession [...] (TORRES RUBIO, 1619, p. 33r-33v)

Sem dúvida, a polêmica instaurada por González Holguín, sobre a declinação ou não do nome quéchua, envolvendo o estatuto da preposição, não ocupa a reflexão de Torres Rubio, que parece ter por referência, neste caso, muito mais o modelo do Anônimo, em composição com Santo Tomás.

## Mexia y Ocón 1648

Os parágrafos introdutórios de Mexia y Ocón sobre o caso dos nomes substantivos deixam dúvida sobre a declinação nominal:

Los casos de los nombres, excepto el nominatiuo (que le constituye el nombre solo) se varian por adición de particulas [...] Y con ellas siempre pospuestas (excepto la A del vocativo) se declinan los dichos nombres [...] (MEXIA Y OCÓN, 1648, p. 2r)

Afinal, seriam essas partículas, pospostas ao nome, preposições, ou não? Dito de outra maneira: o termo partícula, na terminografia do autor, é um termo genérico, como na metodologia dominicana, que permuta com o termo posposição, ou seria um termo específico, como em González Holguín, em oposição à posposição (ou preposição), que marca objetivamente a declinação de caso nominal? Observe-se, de toda maneira, que Mexia y Ocón opta pela distinção visual das partículas indicadoras de caso, como se verifica no paradigma a seguir (cf. MEXIA Y OCÓN, 1648, p. 2r-2v):

Nominativo → ccoya → la princesa  
 Genitivo → ccoya-p → de la princesa  
 Dativo → ccoya-pacc → para la princesa

Acusativo → ccoya-cta → a la princesa

Acusativo → ccoya-ta → a la princesa

Acusativo → ccoya-man → a la princesa

Vocativo → a-ccoya / ccoya-ya → o princesa

Ablativo → ccoya-pi → en la princesa

Ablativo → ccoya-raycu → por amor o por causa de la princesa

Ablativo → ccoya-huan → con la princesa

Ablativo → ccoya-manta → de, o segun, o conforme la voluntad de la princesa

De fato, também aqui, a intencionalidade didática do enunciador, que organiza e define as coerções do gênero Arte Gramatical, sobrepõe-se às motivações descritivas de natureza teórico-metodológica. O autor, em seções posteriores, rezando em conformidade com o dominicano, parece permutar os termos partícula e posposição, inclinando-se, dessa forma, a admitir, com Santo Tomás, que o nome varia conforme o caso, sim, mas apenas mediante a regência das posposições:

Hallanse en esta lengua las ocho partes de la oracion, nombre, pronombre, verbo, participio, posposicion, adverbio, interjeccion, y conjuncion. Dixe posposicion porque las particulas, que en Latin, y Español se anteponen (de donde se llamaron preposiciones) las que en esta lengua les corresponden siempre se posponen, como se ha visto en la declinacion de los casos de los nombres. (MEXIA Y OCÓN, 1648, p. 25r-25v)

De toda forma, conquanto o rigor terminológico pareça não determinar as estratégias descritivas do autor, é interessante observar que, para Mexia Y Ocón, as preposições (posposições) não se caracterizam, apenas, por determinar o caso nominal em quéchua. A partícula ou posposição “ta”, independente de como se nomeie, pode, às vezes, marcar acusativo e, outras vezes, reproduzir o sentido da preposição “por”; do mesmo modo, a partícula “raycu” pode ocorrer em nomes de caso ablativo ou compor e estrutura de um advérbio:

No ay en esta lengua, como en la Latina, preposiciones que rigen los casos, Ay si, unas particulas, que los denotan [...] Las quales no son siempre constantes, en regir siempre un caso. Pues como allí se podrá ver unas vezes rigen uno, y otras otro. Como Ta que es nota de acusativo, unas vezes significa Por, y Raycu que es nota de ablativo, otras vezes es solo causal, que corresponde al adverbio cuia [...] (MEXIA Y OCÓN, 1648, p. 72r-72v)

## Aguilar [1690] 1939

No final do século XVII, Aguilar conserva, mais uma vez, as linhas gerais do tratamento dado ao caso nominal por Santo Tomás. No primeiro parágrafo de sua gramática, enuncia:

Las partes de la oracion en esta lengua de los Indios son ocho, nombre, pronombre, verbo, participio, posposicion, adverbio, interjecion y conjuncion. Digo posposicion, porque las particulas, que en Latin se anteponen (de donde se llamaron preposiciones) las que en esta lengua les corresponden, se llaman posposiciones, porque siempre se posponen, como se vera en la declinacion de los nombres. (AGUILAR, [1690] 1939, p. 3)

O paradigma da variação dos nomes, mediante a posposição de caso, apresenta-se da seguinte forma (cf. Aguilar, [1690] 1939, p. 4-5):

Nominativo → ccoya → la reyna

Genitivo → ccoyap → de la reyna

Dativo → ccoyapacc → para la reyna

Acusativo → ccoyacta → a la reyna

Acusativo → ccoya cama → hasta la reyna

Acusativo → ccoyaman → a la reyna

Vocativo → a ccoya / ccoyaya → o reyna

Ablativo → ccoyapi → en la reyna

Ablativo → ccoyamanta → de, o segun, o conforme la reyna

Ablativo → ccoyhuan → con la reyna

Ablativo → ccoyaraycu → por amor o por causa de la reyna

Ablativo → ccoyanacc → sin la reyna

## Melgar 1691

Por fim, a última gramática produzida sobre o quéchua, no século XVII, a gramática de Estebán Sancho de Melgar, consagra, uma vez mais, as estratégias descritivas do caso nominal e das posposições, nessa tradição: “Una sola declinacion hay en esta lengua, y por ella se declinan substantivos, y adjetivos, pronombres, y participios. Hazese, no por variacion de casos, sino por adicon de particulas pospuestas” (MELGAR, 1691, fol. 1r).

O paradigma dos nomes substantivos apresentado por Melgar apresenta exemplos em Latim, como se observa a seguir (cf. MELGAR, 1691, fol. 1r):

Nominativo → churi → filius  
Genitivo → churi-p → filij  
Dativo → churi-pacc → filio  
Acusativo → churi-cta → filium  
Acusativo → churi-man → in filium  
Acusativo → churi-raycu → propter filium  
Vocativo → aa churi / churi-ya → o fili  
Ablativo → churi-pi → in filio  
Ablativo → churi-uuan → cum filio  
Ablativo → churi-manta → vel de filio

Na sequência, em uma seção denominada “Del modo con que se corresponde en esta lengua a las preposiciones latinas”, o autor expõe, de maneira clara, toda a objetividade de seu projeto didático, interessado, antes, na aprendizagem prática do idioma, que no detalhamento teórico e descritivo das partes da gramática, tal como se observa em vários de seus antecessores:

No hago question de si se hande llamar las de esta lengua: preposiciones o posposiciones. Solo digo que todas se posponen. Tampoco aueriguo de que caso son, quando veo tanta distancia en el corresponder. Solo pretendo enseñar aqui lo que en esta lengua corresponde a cada una de las latinas, y el modo de usarlas: pues todas se reducen a los dos breves arancelillos que delas nos hace Antonio Nebrixa. (MELGAR, 1691, fol. 51v)

É bastante provável, pelo que evidencia o excerto anterior, que Melgar tenha lido os gramáticos do quéchua que o antecederam, notadamente González Holguín. Melgar, de maneira deliberada, afasta-se da já clássica distinção terminológica entre preposições e posposições, iniciada por Santo Tomás, mas também das dificuldades descritivas suscitadas por Holguín, quanto ao caso da declinação nominal. Não obstante, mais uma vez, as afirmações de Melgar parecem colocar às claras estas dificuldades: a tarefa de comparar as preposições latinas e espanholas com aquelas descritas para a língua quéchua e compreender as segundas pelo comportamento das primeiras não é empresa fácil. Isso nota o autor, com perfeita clareza.

## Considerações finais

O quadro geral exposto, até aqui, atesta as variações metalinguísticas associadas, de um lado, ao tratamento da declinação casual nos nomes substantivos, em quéchua, e, de outro, ao diferente estatuto das preposições (posposições), nas gramáticas produzidas entre os séculos XVI e XVII. Observam-se duas estratégias distintas nesse contexto: uma dominante, na qual o nome substantivo, indeclinável, varia conforme o caso das posposições, seguindo a metodologia original de Santo Tomás; outra periférica, na qual o nome substantivo sofre dois tipos de variação de caso – o caso com declinação, dado por partículas ou terminações nominais específicas, e o caso sem declinação, dado pela composição do nome com as preposições compostas, de genitivo, e simples, de ablativo – segundo González Holguín.

Em ambos os contextos, como já se afirmou, a calibragem terminológica dos autores que instituem a polêmica é dada de modo particular: termos como *partículas* e *posposições* são recortados e descritos de maneira distinta, conforme a sistematização terminológica em questão. Para Santo Tomás, o termo *partícula* permuta com o termo *posposição*, uma vez que, nessa metodologia, indiferenciam-se as funções gramaticais atribuídas a esses dois elementos, no que diz respeito à variação de caso sem declinação, proposta pelo dominicano. Para Holguín, o termo *partícula* distingue-se do termo *posposição*: o primeiro marca o caso nominal com declinação; o segundo, a variação de caso sem declinação, regida pela própria *posposição*.

O tratamento metalinguístico desses termos denota, ainda, distintas nuances epistemológicas que permeiam as escolhas descritivas dos autores: embora as duas estratégias metodológicas filiem-se, ambas, à teoria das oito partes do discurso, verifica-se uma perspectiva organizada pela variação latina do modelo (em Holguín) e outra dada pela conformação vernacular do modelo, a partir da língua espanhola (em Santo Tomás). Aspectos ligados à tipologia aglutinante da língua andina e às peculiaridades estruturais da declinação casual, como na declinação genitivada, de Holguín, parecem justificar, do ponto de vista interno (cf. ALTMAN, 2009, p. 128), as diferenças observadas.

De todo modo, apesar das inconsistências metalinguísticas que, certamente, poderiam ser levantadas aqui e ali, dado o caráter prático que anima as Artes Gramaticais da época, a transposição da metalinguagem de referência greco-latina, ao sistema linguístico quéchua, não se efetiva de maneira mecânica,

como vimos pela descrição da declinação nominal substantiva. Ao contrário, tal transposição exigiu adaptações ao modelo original e deslizamentos conceituais importantes, como aquele observado na remotivação do termo preposição, em posição.

Se é verdade que o trabalho empírico dos gramáticos do século XVI e XVII propiciou, no eixo histórico, a formação de uma cultura linguística nova, experimental, não mais estritamente europeia (cf. ALTMAN, 2009, p. 125), o tratamento da declinação nominal em quéçhua, com suas continuidades e descontinuidades, no período aqui examinado, apresenta-se como mais um capítulo dessa história.

**Agradecimentos:** ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por financiar esta pesquisa.

RAGI, Roberta. The treatment of nominal declination in Quechua. *Historiography study based on metalanguage (XVI-XVII centuries)*. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 30-52, 2010.

**ABSTRACT:** *The purpose of this paper is to establish a comparative analysis of the treatment of casual declination of nouns in Quechua, and the statute of prepositions (postpositions) as a result of this nominal declination in language grammars produced for Andean general language in the XVIth and XVIIth centuries. The grammarians nominated for this purpose are: Domingo de Santo Tomás, 1560; Anonymous, 1586; Diego Gonzalez Holguin, 1607; Alonso de Huerta, 1616; Diego de Torres Rubio, 1619; Juan Roxo Mexia y Ocón, 1648; Juan de Aguilar, 1690; Esteban Sancho de Melgar, 1691.*

*The parameters which organize the analysis presented here intend to examine the specific metalanguage of the authors, relatively to the proposed linguistic issues, taking into account the terminological systematization of each grammatical text particularly. Therefore, the associated methodologies in the field of Linguistic Historiography ought to be taken as general guidelines.*

**KEYWORDS:** *Linguistic Historiography. History of Grammar. Metalanguage. Quechua. Nominal Inflection.*

## Referências

AGNOLIN, Adone. Política linguística na evangelização sob o vice-reinado do Peru. In: \_\_\_\_\_. **Jesuítas e selvagens:** a negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (Séculos XVI-XVII). São Paulo: Humanitas Editorial, 2007a. p. 341-365.

\_\_\_\_\_. Trento em Lima. In: \_\_\_\_\_. **Jesuítas e selvagens: a negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi (Séculos XVI-XVII)**. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007b. p. 367-382.

AGUILAR, Juan de. **Arte de la lengua Quichua general de Indios del Peru**. Tucumán: Edição facsimilar de Radamés Altieri - Instituto de Antropologia de Tucumán. [1690] 1939.

ALTMAN, Cristina. Artigos e pronomes na tradição linguística missionária da língua mais falada na costa do Brasil. In: SCHRADER-KNIFFKI, Martina; GARCÍA, Laura Morgenthaler. (Orgs.) **La Romania en interacción: entre historia, contacto y política**. Vervuert Verlag: Iberoamericana, 2007. p. 837-854.

\_\_\_\_\_. Retrospectivas e perspectivas da historiografia linguística no Brasil. **Revista argentina de historiografía lingüística (RAHL)**, Buenos Aires, v. I, n. 2, p. 115-136, 2009.

ANCHIETA, José de. **Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, [1595] 1990.

ANÔNIMO. **Arte y vocabulario en la lengua general del Peru llamada quichua, y en la lengua española**. Lima: Edição de Antonio Ricardo, 1586. Disponível em [http://bibliotecadigitalhispanica.bne.es:80/webclient/DeliveryManager?application=DIGITO OL3&owner=resourcediscovery&custom\\_att\\_2=simple\\_viewer&pid=185020](http://bibliotecadigitalhispanica.bne.es:80/webclient/DeliveryManager?application=DIGITO OL3&owner=resourcediscovery&custom_att_2=simple_viewer&pid=185020). Acesso em: 10 jan. 2011.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BARNADAS, Josep M. A Igreja Católica na América Espanhola Colonial. In: BETHELL, Leslie (Org.). **América Latina Colonial I**. Tradução de Maria Clara Cescato (Vol. I). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1998. p. 521-551.

CALVO PÉREZ, Julio. **Pragmática y gramática del quechua cuzqueño**. Cuzco, Peru: Centro de Estudios Regionales Andinos ‘Bartolomé de Las Casas’, 1993.

\_\_\_\_\_. Las gramáticas de Nebrija y las primeras gramáticas del quechua. In: ESCAVY, R.; TERRÉS, J. M.; ROLDÁN, A. (Orgs.) **Actas del congreso internacional de historiografía lingüística – Nebrija – V centenario**. Murcia: Universidad de Murcia, 1994. p. 63-80. (Vol. II – Nebrija y las lenguas amerindias)

CERRÓN-PALOMINO, Rodolfo. **Lingüística quechua**. Cuzco: Centro de Estudios Regionales Andinos ‘Bartolomé de Las Casas’, 2003.

GONZÁLEZ HOLGUÍN, Diego. **Gramática y arte nueva de la lengua general de todo el Peru, llamada lengua Quichua, o lengua del Inca**. Lima: por Francisco Del Canto, 1607. Disponível em <http://www.archive.org/details/gramaticayartenu00gonz>. Acesso em: 10 jan. 2011.

HUERTA, D. Alonso de. **Arte de la lengua Quechua general de los Yndios de este Reyno del Peru**. Estudo introdutório de Ruth Moya. Quito: Corporacion Editora Nacional, [1616] 1993.

KOERNER, Konrad. O problema da metalinguagem em Historiografia Linguística. **Revista DELTA**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 95-124, 1996.

LAGORIO, Consuelo Alfaro. Elementos de política linguística colonial hispânica: o Terceiro Concílio Limense. In: FREIRE, José Ribamar Bessa; ROSA, Maria Carlota. (Orgs.) **Línguas Gerais**. Política linguística e catequese na América do Sul no período colonial. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2003. p. 43-55.

LAKATOS, Imre. **Falsificação e metodologia dos programas de investigação científica**. Lisboa: Edições 70, 1999.

MELGAR, Estebán Sancho de. **Arte de la lengua general del Inga llamada Qquechhua**. Lima: por Diego de Lyra, 1691. Disponível em <http://www.archive.org/details/artedelalenguage00melg>. Acesso em: 10 jan. 2011.

MELLO E SOUZA, Laura de. América diabólica: demonologia e imaginário do descobrimento à colonização. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 110, p. 85-100, julho – setembro de 1992.

MEXIA Y OCÓN, Juan Roxo. **Arte de la lengua general de los indios del Peru**. Lima: por Jorge Lopez de Herrera, 1648. Disponível em <http://www.archive.org/details/artedelalenguage00roxo>. Acesso em: 10 jan. 2011.

NEBRIJA, Antonio de. **Gramática de la lengua castellana**. Madrid: Fundación Antonio de Nebrija, [1492] 1992.

\_\_\_\_\_. **Introducciones latinas contrapuesto el romance al latín** (c. 1488) / Antonio de Nebrija. ESPARZA TORRES, Miguel Ángel; CALVO, Vincente. (Orgs.) Münster: Nodus Publikationen, [1488] 1996.

RAGI, Roberta. Dominicanos e jesuítas na emergência da tradição gramatical quéchua – século XVI. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2009. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-17092009-163345/pt-br.php>. Acesso em: 11 jan. 2011.

SANTO TOMÁS, Domingo de. **Grammatica o arte de la lengua general de los incas de los reynos del Peru**. Cuzco: Centro de Estudios Regionales Andinos 'Bartolome de las Casa', 1995 [1560]

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. **Revista Argentina de Historiografía Lingüística** (RAHL), Buenos Aires, v. I, p. 67-76, 2009.

\_\_\_\_\_. Le métalangage de la linguistique: réflexions à propos de la terminologie e de la terminographie linguistiques. **Revista do GEL**, 2010, v. 7, n. 2 [prelo].

TORRES RUBIO, Diego de. **Arte de la lengua quíchua**. Lima: por Francisco Lasso, 1619. Disponível em <http://www.archive.org/details/artedelalenguaqu01torr>. Acesso em: 10 jan. 2011.